

# bənê ʾîš – os “filhos de homem” na Bíblia Hebraica

*Oswaldo Luiz Ribeiro*<sup>1</sup>

## **RESUMO**

Este ensaio analisa as seis ocorrências da expressão bənê ʾîš (“os filhos de homem”) na Bíblia Hebraica para concluir pelo potencial equívoco de a tradição judaica e cristã medieval e moderna considerá-las sinônimos de “homens nobres”, quando, à luz das passagens, somente duas, Gn 42,11.13, permitem uma identificação independente e direta do grupo social contemplado pelo sentido do termo – os “homens” em geral, não, os “nobres”, sentido esse que deve sobredeterminar o sentido das demais ocorrências não-determinadas. No conjunto, o ensaio postula que a tradição deve inverter o sentido com que trata bənê ʾîš – passando de “nobres” para “plebeus” – e bən-ʾādām – passando de “plebeus” para “nobres”.

## **PALAVRAS-CHAVE**

“Filhos de homem”, bənê ʾîš, Bíblia Hebraica, povo.

## **ABSTRACT**

This paper analyzes the six occurrences of the expression bənê ʾîš (“the sons of man”) in the Hebrew Bible concluding by the potential misunderstanding of the medieval and modern Jewish and Christian tradition that considers it to be a synonym of “noble men”. In fact, in

---

<sup>1</sup> Oswaldo Luiz Ribeiro, doutor em Teologia Bíblica pela PUC-Rio, é professor da Faculdade Unida de Vitória - ES.

light of the six occurrences, only two of them, Gen 42,11.13, allow a direct and independent identification of the social group contemplated by the meaning of the word – the “men” in general, not the “nobles”, a meaning that should override the meaning of other occurrences – not determined. The essay posits that the tradition should reverse the meaning of *bənê ʾîš* – from “nobles” to “commoners” – and *ben-ʾādām* – from “commoners” to “noble”.

## KEYWORDS

“Sons of man”, *bənê ʾîš*, Hebrew Bible, people.

## Introdução

São apenas seis as ocorrências do termo *bənê ʾîš* na Bíblia Hebraica: Gn 42,11.13; Sl 4,3; 49,3; 62,10 e Lm 3,33. Ali, deixa-se perfilar ao lado de outros termos com os quais seu sentido costuma ser algumas vezes propositadamente confundido: *bənê-ʾādām*, *ben-ʾādām*, *ben-ʾēnôš* e *bar ʾēnāš*<sup>2</sup>. A importância de uma histórico-socialmente adequada determinação do sentido de *bənê ʾîš* deve-se, fundamentalmente, ao fato de que ele é usado para ratificar o sentido do termo que lhe seria eventualmente oposto: *bənê-ʾādām*. Desde pelo menos Maimônides<sup>3</sup> e Calvino<sup>4</sup> que se estabeleceu – e [a meu ver] equivocadamente – o “con-

<sup>2</sup> Cf. GOWAN, *The Westminster Theological Wordbook of the Bible*, pp. 126-127. Os termos *bənê ʾîš* e *bənê-ʾādām* são dados como “paralelos” e, mesmo, sinônimos – o que [a meu juízo] não procede (cf. Sl 49,3 e 62,10) – em HAAG, בן-אדם – *ben-ʾādām*, em: BOTTERWECK e RINGGREN, (ed), *Theological dictionary of the Old Testament*, p. 161. Para o que me parece uma refutação de Botterweck e Ringgren, cf. RIBEIRO, *bənê-ʾādām* – os ‘filhos de Adão’ na Bíblia Hebraica, pp. 145-161.

<sup>3</sup> Cf. MAIMÔNIDES. *The Guide for the Perplexed*, 1925 (1903<sup>1</sup>).

<sup>4</sup> Cf. CALVIN. *Commentary on the Book of Psalms – II*, p. 236. Já então se atribuía a “rabinos judeus” e a “cristãos modernos” a identificação dos *bənê-ʾādām* com os “pobres” e dos *bənê ʾîš* com os “nobres”. Contemporâneo de Calvino, Sebastian Münster (1537) afirmava o mesmo (cf. BURKETT, *The Son of Man Debate*, p. 15-16). Pouco depois, já no século XVII, Henry Ainsworth afirmava a mesma coi-

senso” de que *bənê-ʾādām* nomeia o “povo” em geral, o povo pobre, os “plebeus”, e, por sua vez, *bənê ʾîš*, o povo “rico”, os nobres<sup>5</sup>. A análise das ocorrências de *bənê ʾîš*, contudo, revela o fato de que não se pode, impunemente, ratificar essa tradição.

## Análise das ocorrências de *bənê ʾîš* na Bíblia Hebraica

### Gn 42,11.13

*bənê ʾîš-ʾeḥād*

A fórmula de Gn 42,11.13 é peculiar, e, por isso, praticamente inequívoca. A primeira ocorrência traz a sentença: *bənê ʾîš-ʾeḥād* – “todos nós somos filhos do mesmo homem” (TEB – nesse caso, eram todos filhos de Jacó). Insistem que são honestos, porque os egípcios os acusavam de serem espiões. Os egípcios, orientados por José, insistem que eles eram espiões, e, diante disso, os irmãos de José e filhos de Jacó repetem que eram “filhos do mesmo homem”, em Canaã: *bənê ʾîš-ʾeḥād bəʾereš kənāʿna* – “filhos de um mesmo homem na terra de Canaã” (TEB). O restante do enredo não é determinante para que se reconheça a função meramente genérica do termo *bənê ʾîš* nessa passagem em particular. Aliás, ela é a única em que o sentido genérico – “homens” – de *bənê ʾîš* fica evidente na própria passagem.

Os irmãos de José e filhos de Jacó, empregando o termo *bənê ʾîš*, diziam exatamente isso: somos irmãos, e isso porque somos, todos, fi-

---

sa, assumindo que *ʾādām*, mesmo na expressão *bənê-ʾādām*, guarda a referência à *ʾādāmā<sup>h</sup>*, conforme estabelecido e Gn 2,7 – daí que, então, esses *bənê-ʾādām* são “the baser sort of people”, de modo que, no Sl 49,3, os *bənê ʾîš* são, ao contrário, os “nobres” (cf. MULLER, “Henry Ainsworth and the Development of Protestant Exegesis in the Early Seventeenth Century”, em: MULLER. **After Calvin: studies in the development of a theological tradition**, p. 163). O presente artigo tem por objetivo corrigir esse ponto da tradição, invertendo a relação proposta.

<sup>5</sup> Cf., por exemplo, GRANT. ‘adam and ‘ish: Man in the OT, pp. 2-11; JACOB. **Theology of the Old Testament**, 1958.

lhos de um mesmo homem. “Mesmo”, aí, traduz  $\text{’eḥād}$ . Jacó é o pai de todos eles – todos são filhos de um mesmo homem (TEB), do mesmo homem, Jacó<sup>6</sup>. No entanto, o nome de seu pai permanece não revelado, de modo que a expressão se torna genérica e anônima<sup>7</sup>. A ausência de  $\text{’eḥād}$  simplesmente tornaria a expressão mais genérica, menos determinada: todos somos filhos de homem.

Nada, absolutamente nada em Gn 42,11.13 permite que se aplique ao termo  $\text{bənê ’îš}$  outra coisa que não o sentido muito amplo e trivial de “filhos de homem”. Não se trata de gente necessariamente “importante”. Não se trata de gente “nobre”. O sentido é apenas genérico – “somos homens”, e pronto. Homens como todos os outros. Homens comuns. Eventualmente, até, homens de fome.

### Sl 4,3 (em Almeida, v. 2)

$\text{bənê ’îš}$

“Ó filhos de homem, até quando<sup>8</sup> minha glória *será* para desprezo?” (4,3b – em Almeida, v. 2b). Se, importada de Gn 42,11.13, vinga a tese de que os  $\text{bənê ’îš}$  emprestam-se justamente a esse tipo de referência, no Sl 4,3, “filhos de homem” constituiria um termo de admoestação genérica. Os “filhos do homem” que aí estão sob acusação seriam, simplesmente, “homens” – como quer a TEB: “ó homens, até onde ireis?”.

Todavia, não é esse o entendimento, por exemplo, de Alonso-Schökel e Cecília Carniti: “*bny ’ysh*: (...) Distinguem-se dos *bny ’dm* como nobres de plebeus, autoridades de plebe”<sup>9</sup>. Em consonância

<sup>6</sup> Cf. STEIN, BERLIN, FRANKEL e MEYERS. *The Contemporary Torah: a gender-sensitive adaptation of the JPS translation*, p. 361.

<sup>7</sup> Cf. KLAUS. *Pivot Patterns in the Former Prophets*, p. 169.

<sup>8</sup> “Até quando?”, cf.  $\text{’ad-me}^h$  em ALONSO-SCHÖKEL, *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, p. 356-357.

<sup>9</sup> Cf. ALONSO-SCHÖKEL e CARNITI. *SALMOS I – 1-72: tradução, introdução e comentário*, p. 155. Também não o TESH e ZORN. *Psalms. Volume 1*, p. 107. E basta: Samuel Terrien é categórico: “os filhos dos notáveis” constituiria uma expressão “rara” – e cita Sl 49,3[2]; 62,10[9] e Lm 3,33. Esses “filhos dos notáveis”

com essa pressuposição, os autores traduzem: “Senhores, até quando se ultrajará minha honra”? Sendo assim, afirmam que, na estrutura, os v. 4-6 constituem “Discurso aos *nobres*: pergunta retórica e sete imperativos”<sup>10</sup>.

Mas como chegaram os autores à constatação de que os *bənê ʾîš*, aí, referem-se aos “nobres”? Pois bem: indica-se, *in loco*, para Sl 49,3[2] e 62,10[9]. São essas as duas passagens da Bíblia Hebraica onde os termos *bənê ʾîš* e *bənê ʾādām* encontram-se justapostos em clara oposição de sentido, um termo indicando para o povo comum e, o outro, indicando a gente da classe alta. Essa distinção é inequívoca. Mas quem é quem? Como se viu, a “tradição”, desde Maimônides e Calvino<sup>11</sup>, decidiu que se trata da relação: *bənê ʾādām* designando os pobres, os plebeus, a gente comum, e *bənê ʾîš*, ao contrário, os ricos, os nobres, a gente importante. A “tradição” assim *quis*, e assim tem sido.

É com base, pois, nessa tradição, que a identidade dos *bənê ʾîš* no Sl 4,3[2] se estabelece. Alonso-Schökel e Carniti podem identificá-los, ao passo que não o fazem em relação aos *rabbîm* do v. 7 (6, em Almeida), apontando apenas a distinção entre ambos: “são diversos dos *rabbîm* do v. 7, formam outro grupo”<sup>12</sup>. Entretanto, é o salmista que fala no v. 2, dirigindo-se a Deus, nos v. 3-6, dirigindo-se aos *bənê ʾîš*, e, ainda, nos v. 7-9, em que, dirigindo-se, novamente, a Deus, refere-se aos “muitos”, depois de ter-se dirigido diretamente aos *bənê ʾîš*<sup>13</sup>. Os “mui-

---

são os *bənê ʾîš*, em oposição aos “filhos do povo comum”, em suas “62 vezes” apenas nos Salmos – com o que se refere aos *bənê ʾādām* (cf. TERRIEN. **The Psalms: Strophic Structure and Theological Commentary**, p. 97). O presente ensaio não pode acompanhar os autores citados.

<sup>10</sup> *Idem*, p. 158, grifo meu (cf., ainda, p. 160).

<sup>11</sup> Cf. notas 2 e 3.

<sup>12</sup> *Idem*, p. 155.

<sup>13</sup> Não é decisivo, mas registre que recentemente Marti J. Steussy interpretou o salmo como um lamento da liderança da cidade em face do abandono que o povo lhe reserva, sob a alegação de que Deus abandonara o governo. Assim, o vocativo *bənê ʾîš* e os *rabbîm*, ao contrário do que postula Alonso-Schökel, seriam as mesmas pessoas, o mesmo grupo, o povo, em oposição a líder que lhes condena a atitude de deserção (cf. STEUSSY. **Psalms**, p. 76-77). Por outro lado, a opinião de Erhard Gerstenberger vai na direção oposta e, dessa vez, mencio-

tos” podem ser os próprios *bənê ʾîš*. Também podem ser outras pessoas. Não há como se determinar absolutamente seja a identidade de um, seja a identidade do outro grupo. Como disse Mark David Futato, “nós não sabemos quem são os homens que estão em 4,2”<sup>14</sup>. Não, pelo menos, por meio de Sl 4,3.7. E isso a despeito da grande “tradição” medieval. Quando se afirma que os *bənê ʾîš* constituem os “nobres”, ela o diz por força de se estar, aí, a repetir, acriticamente, uma “tradição”.

Por outro lado, se se assume a possibilidade de importação do resultado da análise de Gn 42,11.13 para o Sl 4,3[2], a balança pende muito mais plausivelmente para a identificação dos *bənê ʾîš* com o povo genérico – “homens” –, e, aí, a “tradição” de relacioná-los aos nobres revela-se sem fundamento sustentável. E, além disso – e, a meu, inapelavelmente, se se aplica a Sl 4,3[2] o resultado da análise aplicada aos *bənê ʾāḏām*, nesse caso resulta muito pouco discutível (salvo, se não há coerência semântica nos termos hebraicos, quando aplicados a esta ou àquela passagem) que se trate, então, do homem comum.

---

nando explicitamente os *bənê ʾîš*. Gerstenberger considera que ainda que pouca, a evidência sobre a identidade dos *bənê ʾîš* na Bíblia Hebraica apontaria para a sua caracterização como sendo os “nobres”, o que seria corroborado pelo v. 8, “que claramente reflete tensão social” (cf. GERSTENBERGER, **Psalms: part 1: with an introduction to cultic poetry**, p. 55). Contudo, se há tensão social, e Marti J. Steussy igualmente o pressupõe, há que se admitir que, nesse caso, aqueles que são interpelados pelo orante, sejam aqueles do v. 3-6, sejam aqueles dos v. 7-9, constituam o mesmo grupo. Se o orante representa a liderança da cidade, segue-se que os *bənê ʾîš* não poderiam ser os nobres (mas Gerstenberger admite poder tratar-se de gente do próprio grupo do orante, e, com isso, torna-se cada vez mais difícil determinar-se por meio do próprio salmo a identidade dos *bənê ʾîš*), mas, nesse caso, o “povo”, como pressupõe Marti J. Steussy. Salvo, naturalmente, se é o povo quem fala – mas, nesse caso, faria algum sentido? James Limburg considera que se deva associar o Sl 4 ao rei e que haja algum tipo de problema na comunidade – isso poderia significar que o “líder” (Marti J. Steussy) se dirigisse, por essa razão (James Limburg), isto é, por conta de uma tensão social (Erhard Gerstenberger), ao povo (isto é, os *bənê ʾîš*)? (cf. LIMBURG, **Psalms**, p. 11-12).

<sup>14</sup> Cf. FUTATO. *Interpreting the Psalms: An Exegetical Handbook*, p. 122.

## Sl 49,3 (em Almeida, v. 2 – cf. Sl 62,10[9] e Is 2,9)

gam-bənê ʔādām gam-bənê-ʔiš yaḥad ʿāšîr wəʿebyôn

“Tanto ‘os filhos de Adão’ quanto ‘os filhos de homem’, juntamente, rico e pobre”<sup>15</sup>. A estrutura poética do Sl 49,3[2] deve ser interpretada como? Trata-se de um paralelismo poético sinonímico clássico: A – B – A’ – B’, ou, antes, de um paralelismo poético sinonímico quiasmático: A – B – B’ – A’? Observe-se:

gam-bənê ʔādām gam-bənê-ʔiš também os “nobres”, também os “plebeus”

yaḥad ʿāšîr wəʿebyôn juntamente, rico e pobre

Por meio da estrutura poética em si não se pode determinar indiscutivelmente o que equivale a que. Se a estrutura for clássica, bənê ʔādām equivale a “rico”, se a estrutura for quiasmática, bənê ʔādām equivale a “pobre”. Igualmente, se a estrutura for clássica, bənê-ʔiš equivale a “pobre”, se for quiasmática, a “rico”. A tradição não pode ter-se baseado em Sl 49,3[2] para afirmar que bənê-ʔiš indica os “nobres”. Se o fez, foi improcedentemente que o fez, porque ela terá de ter, primeiro, decidido, por si mesma, que se trata de um paralelismo quiasmático. Mas com base em que autoridade o fez? Não teria sido muito mais “natural” ter-se considerado esse um modelo clássico de paralelismo?

A única informação segura que se pode extrair de Sl 49,3[2] é que os dois termos são antagônicos, isto é, que, quando aplicados à sociedade, um se refere à classe alta, enquanto o outro se refere à classe baixa<sup>16</sup>.

<sup>15</sup> Mas há quem, em lugar de “ricos” e “pobres” ou “plebeus” e “nobres”, “teste” os sentidos “históricos” de “adamitas” e “não-adamitas” (cf. FISCHER, **Historical Genesis: From Adam to Abraham**, pp. 54-55).

<sup>16</sup> Ao menos se o antagonismo entre “rico” e “pobre”, que lhes vai na seqüência, igualmente se aplica aos dois termos. Para “rico” *versus* “pobre”, também em Sl 49,3[2], cf. RODD. **Glimpses of a strange land: studies in Old Testament ethics**, pp. 163-164.

Um fala de “nobres”, outro, de “plebeus”. Todavia, quem fala de quem, com base no Sl 49,3[2], isso não se pode afirmar. E, no entanto, a “tradição” – por esse caminho – o afirmou.

Argumente-se, contudo, o seguinte: primeiro, o caso de Gn 42,11.13 – ali, muito plausivelmente e pouco discutivelmente, bənê-ʾîš indica um conjunto genérico de “homens”; segundo, Sl 49,3[2] põe nos pólos opostos de uma totalidade<sup>17</sup> os bənê-ʾîš e os bənê ʾādām, afirmando que um dentre eles (qual?) designa o rico e outro (qual?) o pobre; terceiro, uma vez que Gn 42,11.13 permite relacionar os bənê-ʾîš aos “homens” genericamente falando, resulta plausível que se aplique aí essa informação, resultando na identificação dos bənê-ʾîš com o “pobre”; quarto, a estrutura mais simples – paralelismo poético sinonímico clássico – ratificaria essa possibilidade, já que, nesse caso, bənê-ʾîš encontrar-se-ia em paralelo com “pobre”, ao passo que bənê ʾādām, com “rico”. Por essa via de raciocínio, que me parece razoável, a “tradição” – e a literatura especializada que a segue – revela(m)-se equivocada(s), quando identifica(m) os bənê-ʾîš com os “nobres”.

### Sl 62,10 (em Almeida, v. 9 – cf. Sl 49,3[2] e Is 2,9)

ʾak hebel bənê-ʾādām kāzāb bənê ʾîš

Aplique-se ao Sl 62,10[9] rigorosamente o que se disse do Sl 49,3[2] – com base estritamente no texto, não se pode determinar quem é quem<sup>18</sup>, com o agravante de que, aqui, não há termos em paralelismo com bənê-ʾādām e bənê ʾîš – é apenas um diante do outro, opondo-se-lhe. Sim, evidencia-se uma referência a um conjunto de pessoas, designando tal conjunto por meio de dois termos polares: bənê-ʾādām

<sup>17</sup> Para a totalidade pressuposta, cf. BRIGGS e BRIGGS. *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Psalms*. Volume I, p. 405.

<sup>18</sup> Cf. Is 2,9: “derruba-se o Adão e abate-se o homem, e tu não os levantas”. “Adão” (ʾādām) e “homem” (ʾîš), aí, designam partes opostas da sociedade, como, em Sl 49,3 e 62,10, os bənê-ʾādām e os bənê ʾîš? Se sim, não se pode, contudo, por aí, determinar quem é quem. Por outro lado, com base em Jr 32,20 não se pode argumentar a favor da condição popular de ʾādām.

e *bənê ʾîš*. Mas a que pólo pertence *bənê ʾîš*? Ao pólo dos “nobres”? Com base em que se pode afirmar isso? Não, certamente, sob nenhuma circunstância, com base no texto.

Haveria apenas um modo de, ouvindo-os, saber-se do que se trata: os ouvintes originais tanto do Sl 49,3[2] quanto do Sl 62,10[9] sabiam, porque se tratava de uma informação de sua própria cultura, quem era quem, quem eram os *bənê-ʾādām* e quem eram os *bənê ʾîš*. A nós, leitores *outsiders*, somente de posse, primeiro, da informação cultural é que nos cabe a igual compreensão histórico-social da intenção semântica com que os termos foram, então, empregados e pronunciados<sup>19</sup>.

Ora, com base em Gn 42,11.13, se poderia adquirir a informação cultural de que os *bənê ʾîš* são pessoas “comuns”, que *bənê ʾîš* constitui designação para um grupo genérico de pessoas, de homens, naquele caso, os irmãos de José e filhos de Jacó, estrangeiros no Egito, atrás de pão. De posse dessa informação, aí, sim, se poderia entrar tanto no Sl 4,3[2] quanto no Sl 49,3[2] e 62,10[9], decodificando-os, também aí, como decodificados estão em Gn 42,11.13 – os *bənê ʾîš* são pessoas comuns, o termo, aí, designando, então, não os nobres, mas, ao contrário, os plebeus.

### Lm 3,33

*bənê-ʾîš*

Foi com Alonso-Schökel que, metodologicamente, se introduziu, acima, a celeuma: *bənê ʾîš* são os nobres, no Sl 4,3[2]. Mas lá, viu-se, não está o fundamento da afirmação – ele é buscado fora. E, como se Sl 49,3[2] ou 62,10[9] pudessem suprir a informação, era desde lá que, supostamente, se resolvia a questão. Equivocadamente, julgo certo.

Agora, entretanto, quanto a Lm 3,33, o próprio Alonso-Schökel abre a possibilidade de se tratar do povo da cidade, logo, de plebeus<sup>20</sup>. Para Alonso-Schökel, Lm 3 vê aparecer um personagem anônimo que

<sup>19</sup> Quanto a isso, cf. GOTTWALD. **Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica**, p. 503.

<sup>20</sup> Da mesma forma, Adele Berlin vê, aí, “meros” seres humanos (cf. BERLIN, **Lamentations: A Commentary**, p. 79).

fala em nome da cidade. Arrisca-se uma identidade: Jeremias, ou alguém se pondo no lugar de Jeremias<sup>21</sup>. Ora, com isso, desfaz-se a possibilidade de os *bənê ʾîš* do v. 33 serem os “nobres”, porque Jeremias não se faz contar entre eles. Sobre Lm 3,15, Alonso-Schökel chega a afirmar: “de acordo com Jr 9,14; 23,15, esse castigo era destinado ao povo. As sortes do povo e do profeta se fundem”<sup>22</sup>. Alonso-Schökel põe lado a lado, como uma grandeza social, “Jeremias” e o “povo”, e volta a relacioná-los nos v. 25-26: “nos tempos de Jeremias, em relação a ele diante da perseguição, e em relação ao povo diante da invasão”. E, contudo, cala-se diante de Lm 3,33. Nenhuma palavra sobre os *bənê ʾîš* que aí aparecem. Todavia, se é correto afirmar que até aí se vai falando de “Jeremias” e do “povo”, nada mais natural – e tão natural que se tenha considerado desnecessário referir-se a eles – do que ver aquele mesmo “povo” nestes *bənê ʾîš*. Essa parece ser, por exemplo, a intenção com que Elizabeth Boase se refere a essa passagem, afirmando que Deus não se agradaria de afligir “ninguém” – bem, “ninguém” é suficientemente genérico para ser suportado pela expressão *bənê ʾîš*<sup>23</sup>. A autora não é exatamente explícita, ela tem em vista outras chaves de aproximação a *Lamentações*, mas parece ser adequado admitir que, se ela tivesse em vista o sentido de “nobres”, teria empregado um termo mais específico para *bənê ʾîš*, e não “anyone”.

Ora, no Sl 4,3[2], Alonso-Schökel e Carniti afirmaram que os *bənê ʾîš* diferem dos *bənê ʾādām*. E, uma vez que os tratam, lá, de “senhores”, consideram os *bənê ʾîš* como “nobres” – “senhores”. E, contudo, aqui, em Lm 3,33, ainda que se silencie, Alonso-Schökel força-nos a uma interpretação dos *bənê ʾîš* como sendo o “povo”. Mas quem são, afinal, os *bənê ʾîš*? O Sl 49,3[2] e o 62,10[9] tratam-nos como opostos aos *bənê ʾādām*. Logo, os “filho de homem” são um tipo de gente, e os “filhos de Adão”, outro tipo. Será possível que os *bənê ʾîš* sejam “nobres” no Sl 4,3 e “plebeus” em Lm 3,33?

<sup>21</sup> Também Norman Karol GOTTWALD, *op. cit.*, p. 503.

<sup>22</sup> Cf. ALONSO-SCHÖKEL, *Bíblia do Peregrino*, pp. 1989-1992.

<sup>23</sup> Cf. BOASE. **The Fulfilment of Doom? The dialogic interaction between the Book of Lamentations and the pre-exilic/early exilic prophetic literature**, p. 227.

Não seria mais adequado pressupor-se que, a rigor, apenas Gn 42,11.13 deixa pouca margem de dúvida sobre a identidade semântica de *bənê ʾîš*, e que, ali, se trata muito mais plausivelmente da gente comum, do povo, do que de “nobres”? Não seria mais adequado admitir-se que o Sl 49,3[2] e o Sl 62,10[9] apenas acrescentam a Gn 42,11.13 a informação de que os *bənê ʾîš* são um grupo diferente e polar em relação aos *bənê ʾādām*, e que, sendo assim, se Gn 42,11.13 dão os *bənê ʾîš* por gente do povo, resulta necessário identificar-se o outro grupo – os *bənê ʾādām* – como o grupo oposto, logo, os “nobres”? Sendo assim, não seria mais adequado, então, aplicar-se essa informação tanto ao Sl 4,3[2] quanto a Lm 3,33, e assumir-se, por meio desse raciocínio, que aí também, como em toda a Bíblia Hebraica, então, os *bənê ʾîš* são o povo comum, a gente simples, a gente do povo – os “plebeus”?<sup>24</sup>

## Conclusão

Das seis ocorrências de *bənê ʾîš* na Bíblia Hebraica, apenas duas – Gn 42,11.13 – podem ser consideradas como relativamente seguras para a determinação da identidade do grupo político-social por esse termo designado: tratar-se-iam das pessoas comuns dentre o povo, a gente simples, eventualmente refugiada da fome, irmão, filhos, parentes, amigos, isto é, um grupo genérico de homens, o povo, os “plebeus”. De nenhuma outra ocorrência se pode dizer indiscutivelmente o mesmo, se se conta apenas com a própria ocorrência, conquanto se possa aplicar o sentido adquirido em Gn 42,11.13 e, assim, interpretar-se perfeitamente a passagem. Em todas, “povo” cabe perfeitamente bem.

Das ocorrências de Sl 49,3[2] e 62,10[9], obtêm-se mais uma informação: os *bənê ʾîš* constituem um grupo político-socialmente oposto aos *bənê ʾādām*. Particularmente Sl 49,3[2] deixa claro que se trata,

<sup>24</sup> Ganha força essa hipótese se a ela for acrescentada a argumentação de Erhard Gerstenberger quanto a tratar-se Lm 3 de uma peça litúrgica própria de uma comunidade sinagoga pós-exílica, a quem dificilmente cairia bem o adjetivo de “nobres” (cf. GERSTENBERGER. *Psalms, Part 2, and Lamentations*, p. 496).

num caso, dos “plebeus”/pobres e, no outro, dos “nobres”/ricos. Todavia, não se pode, desde apenas aí, determinar quem é o pobre, quem é o rico, quem é o nobre, quem é o plebeu, salvo se se determina *a priori* qual o caso de paralelismo poético sinonímico cabe aplicar na interpretação da passagem – se clássico, os nobres são os *bənê ʿādām*, se quiasmático, os nobres são os *bənê ʿîš*. Todavia, pode-se aplicar, aí, a informação de Gn 42,11.13 – se lá os *bənê ʿîš* são o povo comum, os “homens”, resta necessário que aqui também eles o sejam, de modo que Gn 42,11.13 pode/deve funcionar como chave hermenêutica para a determinação da relação entre *bənê ʿîš* e “plebeus”/“pobre” no Sl 49,3[2] e “plebeus” no Sl 62,10[9].

Finalmente, por meio da informação articulada pelas passagens de Gn 42,11.13, Sl 49,3[2] e Sl 62,10[9] de que os *bənê ʿîš* correspondem ao “povo” pobre, a gente comum, as pessoas de modo geral, os “homens”, genericamente referidos, mas não os “nobres”, que, nesse caso, são designados pelo termo *bənê ʿādām*, pode-se, agora, aplicar esse sentido articulado finalmente a Sl 4,3[2] e a Lm 3,33, determinando-se assim que, em toda a Bíblia Hebraica, e contrariamente ao que reza a tradição, os *bənê ʿîš* não são os “nobres”, mas “os pobres”.

Resumindo, na Bíblia Hebraica, pode-se afirmar que os *bənê ʿîš* constituem um grupo político-social formado pelo povo comum, pelas pessoas das classes populares, pelos “plebeus”, pelos “homens” genéricos em geral, isso em oposição técnica aos “nobres” e às pessoas das classes altas, nesse caso, designadas pelo termo polar *bənê ʿādām*. O quê? A tradição não o disse? Bom, sempre é tempo de corrigir a tradição. Ou não...

## Referências bibliográficas

- ALONSO-SCHÖKEL, Luís. **Bíblia do Peregrino**. São Paulo: Paulus, 2002.
- ALONSO-SCHÖKEL, Luís. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 1997.
- ALONSO-SCHÖKEL, Luís e CARNITI, Cecília. **SALMOS I – 1-72: tradução, introdução e comentário**. São Paulo: Paulus, 1996.

- BERLIN, Adele. **Lamentations: A Commentary**. Louisville: Westminster John Knox Press, 2004.
- BOASE, Elizabeth. **The Fulfilment of Doom? The dialogic interaction between the book of Lamentations and the pre-exilic/early exilic prophetic literature**. Edinburgh: T&T Clark, 2006.
- BRIGGS, Charles Augustus e BRIGGS, Emilie Grace. **A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Psalms**. In two volumes. Volume I. London/New York: T&T Clark International, 1987.
- BURKETT, Delbert Royce. **The Son of Man Debate**. New York: Cambridge University Press, 1999.
- CALVIN, Jean. **Commentary on the Book of Psalms – II**. Edinburgh: Calvin Translation Society, 1846.
- FISCHER, Richard James. **Historical Genesis: From Adam to Abraham**. Lanham: University Press of America, 2008.
- FUTATO, Mark David. **Interpreting the Psalms: An Exegetical Handbook**. Grand Rapids: Kregel Publications, 2007.
- GERSTENBERGER, Erhard. **Psalms, Part 2, and Lamentations**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing, 2001.
- GERSTENBERGER, Erhard. **Psalms: part 1: with an introduction to cultic poetry**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing, 1988.
- GOTTWALD, Norman Karol. **Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica**. São Paulo: Paulinas, 1988.
- GOWAN, Donald E. **The Westminster Theological Wordbook of the Bible**. Louisville: Westminster John Knox Press, 2003.
- GRANT, Alison M. ‘adam and ‘ish: Man in the OT, **Australian Biblical Review**, n. 25, 1977, pp. 2-11.
- HAAG, H. בֶּן-אָדָם – *ben-’ādām*, em: Johannes BOTTERWECK e Helmer RINGGREN (ed.). **Theological dictionary of the Old Testament**. V. II. Rev. ed. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing, 1999.
- JACOB, Edmond. **Theology of the Old Testament**. Harper: Universidade da Califórnia, 1958.
- KLAUS, Nathan. **Pivot Patterns in the Former Prophets**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999.
- LIMBURG, James. **Psalms**. Louisville: Westminster John Knox Press, 2000.

- MAIMÔNIDES, Moses. **The Guide for the Perplexed**. Trad. de Michael Friedländer. 4 ed. Forgotten Books, 1925 (1903<sup>1</sup>).
- MULLER, R. A. “Henry Ainsworth and the Development of Protestant Exegesis in the Early Seventeenth Century”, em: Richard Alfred MULLER. **After Calvin: studies in the development of a theological tradition**. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- RIBEIRO, Osvaldo Luiz. bənê-ʾādām – os ‘filhos de Adão’ na Bíblia Hebraica. In: **Reflexus**, ano 5, n. 6, 2011, pp. 145-161.
- RODD, Cyril S. **Glimpses of a Strange Land: studies in Old Testament ethics**. Edinburgh: T&T Clark, 2001.
- STEIN, David E. S, BERLIN, Adele, FRANKEL, Ellen e MEYERS, Carol L. **The Contemporary Torah: a gender-sensitive adaptation of the JPS translation**. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 2008.
- STEUSSY, Marti J. **Psalms**. St. Louis: Chalice Press, 2004.
- TERRIEN, Samuel L. **The Psalms: Strophic Structure and Theological Commentary**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing, 2002.
- TESH, S. Edward e ZORN, Walter D. **Psalms**. Volume 1. Missouri: College Press, 1999.